

ÓGA PYSY (CASA DE REZA) GUARANI E KAIOWÁ: ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E DE ENCONTRO DOS SERES (HUMANOS E NÃO-HUMANOS).

Óga pisy, the Guarani and Kaiowa prayer house as space of resistance and encounter of beings (human and non-human)

Eliel Benites
UFGD

<https://orcid.org/0000-0002-0034-4589>

RESUMO: Apresenta-se aqui, na perspectiva de um intelectual Kaiowá, o modo de compreender o espaço a partir do sentido cultural da casa de reza (óga pisy) dentro do tekoha – termo que, para além da sua tradução como aldeia ou território, significa o lugar onde se realiza o teko porã, o jeito de viver belo e perfeito segundo a cosmologia Kaiowá. Este texto foi feito para apresentar a construção de uma óga pisy na FAIND, Faculdade Intercultural Indígena da UFGD.

PALAVRAS-CHAVE: Cosmologias Indígenas; Guarani Kaiowá; Espaço; Teko Porã; casa de reza.

ABSTRACT: This article presents, from the perspective of a Kaiowá intellectual, the way of understanding space in terms of the cultural meaning of the prayer house (óga pisy) within the tekoha - a word which, in addition to its translation as village or territory, refers to the place where the teko porã takes place, the way of living in beauty and perfection according to Kaiowá cosmology. This text was written to present the construction of an óga pisy at FAIND, UFGD's Intercultural Indigenous College.

KEYWORDS: Indigenous cosmologies; Guarani Kaiowá; Space; Teko Porã; prayer house.

A casa de ritual Guarani e Kaiowá é denominada *óga pysy* ou *ongusu* – literalmente casa comprida ou casa grande – na língua guarani, onde ocorrem diversas atividades ritualísticas objetivando manter as relações perenes entre as divindades e os humanos para que o lugar possa se tornar sucessivamente sagrado e perfeito para a existência da vida, o *tekoha*. *Óga pysy*¹ é o lugar primário onde as relações se iniciam com a mediação dos líderes espirituais como *ñanderu* (nosso pai, rezador) e *ñandesy* (nossa mãe, rezadeira) para cura dos corpos dos humanos, das terras, das águas, dos animais, dos vegetais e outros seres que povoam o território tradicional. Além disso é o veículo da memória coletiva ao encontro com antepassados para que a produção do presente seja composta do sentido dos ancestrais, e para a caminhada ao futuro, garantindo a continuidade do passado cosmológico/espirituais.

A presença desta casa, nas aldeias de hoje, sustenta e garante o convívio no modo do *tekoyma*² (modelos de ser dos antigos, dos antepassados, dos guardiões), ou seja, modo de existir baseado no sagrado e na perfeição divinas que são fundamentos dos valores Guarani e Kaiowá. Na realização sistemáticas dos rituais na casa de reza como *jerosy* (batismo do milho branco), *mitã karai* (batismos das crianças), *kunumi pepy* (ritual de perfuração dos lábios dos meninos), por exemplo, a memória dos ancestrais se torna viva, referenciando e sustentando modos de existir no tempo de hoje e dando segurança necessária para multiplicidade das relações entre os humanos e não humanos no seu contexto.

Com a chegada do sistema dos *kari* (os brancos, os não indígenas) – sistema capitalista, colonialista que compõem o tempo da modernidade – os *tekoha*, produzidos nos valores apontados, foram esbulhados, massacrados e decompostos, esterilizando todos os tipos de germes da vida local, inviabilizando a existência baseada no *teko porã* (jeito de ser belo e perfeito), que está ligado intrinsecamente ao *tekoha*. Por isso, para os anciões (*ñanderu* e *ñandesy*), a chegada dos não-indígenas é marcada como a ruptura entre os *tekoha* de hoje em relação aos tempo-espacos originais, o *ára* (tempos dos ancestrais), na qual, foram inauguradas todas as coisas que conhecemos, sustentando o equilíbrio do mundo, até nos dias atuais, permitindo inclusive, o sustento da vida na diversidade e expansão. Essa ruptura,

¹ Utilizaremos os termos nesse texto “*óga pysy*” ou “casa de reza” para referir à casa ritual dos Guarani e Kaiowá.

² Na visão dos mais velhos da comunidade as aldeias/mundos de hoje estão sendo decompostas, os órgãos estão sendo desfeitos pela forma de vida referenciada pelos sistemas dos não-indígenas.

gerou inúmeras dificuldades para a garantia da continuidade do ser Guarani e Kaiowá, porque os fluxos dos saberes e da dinâmica dos guardiões, que promovem a produção dos *tekoha* através das mobilidades (*oguata*) das novas gerações, tornam-se inviáveis.

Assim interpretamos a problemática atual dos Guarani e Kaiowá baseado na ótica em que a perda da ligação com o *tekoha* gera a insustentabilidade do modo de ser, frente ao sistema dos *karai* (mundo moderno), enfraquecendo os valores culturais tradicionais, decompondo-os, ao mesmo tempo que homogeneiza, apagando a diversidade e a sua trajetória específica. A problemática à qual nos estamos referindo está na percepção de que na ausência do *teko porã* se manifesta outro tipo de *teko*, que potencializa a degradação do humano Guarani e Kaiowá, o *teko pochy* (modo maléfico/predatório de ser), modo de ser destrutivo/corrosivo, desmembrador do coletivo e sistema holístico edificado. Assim nas reservas e acampamentos de hoje a discórdia, os assassinatos, agressão e todos os tipos de violência são cotidianos, muitas vezes normalizados pela sociedade do entorno, identificando (com carga de preconceito) o ser Guarani e Kaiowá com essas posturas negativas.

Não podemos esquecer que esses contextos da violência são resultado do processo histórico praticado pelos *karai* desde a sua chegada reproduzindo-se constante nos dias de hoje pelos ruralistas, fazendeiros e seus representante políticos nas instâncias de poder, no legislativo nacional, estadual e municipal. Uma continuidade da violência maior arraigada na estrutura da sociedade e do Estado possibilitando a sua perpetuação e refletindo-se diretamente no interior das comunidades como reservas, acampamentos e retomadas. Casos de lideranças, mulheres e crianças assassinados pelos fazendeiros são constantemente normalizados nas mídias, criando narrativas explicativas fundamentando as razões dos agressores, posições que potencializam a visão preconceituosa da sociedade do entorno.

Concomitante e como contraponto a essa situação, nos últimos anos, o movimento social indígena como a Aty Guasu, Aty Guasu das Mulheres e Aty Jovens, vem fazendo ecoar as mensagens sobre reivindicação pela demarcação dos territórios tradicionais. Demarcação que já está garantida na Constituição Federal de 1988, com o direito originário sobre a terra, como forma do Estado fazer a reparação da violência histórica que foi imposta, desde a fundação do Estado brasileiro. Porém, nas últimas décadas, no estado de Mato Grosso do Sul, como no Brasil, vem crescendo o sentimento anti-indígena, insuflado pelo

governo com ideologia de extrema direita³, promovendo desmonte estrutural da política indigenista brasileira. Com essa situação o processo demarcatório vem sendo judicializado e paralisado pelos grupos de interesse oposto, principalmente pelos poderes oriundos do sistema de agronegócios.

Assim, na gestão do governo Bolsonaro (2019-22), houve inúmeras violações dos direitos indígenas, como expulsão forçada nas áreas de retomadas, agressões e mortes de lideranças, como ocorreu nos municípios de Amambai e Coronel Sapucaia. Cresceu ainda, o número de casos de discriminação, racismo em relação as famílias guaranis e kaiowá nas cidades quando estão fazendo compras para mantimentos, além disso, a exploração de trabalhos forçados e outros crimes tendo sempre como pano de fundo problemas relacionados aos conflitos agrários. Essa situação demonstra que a ausência de políticas públicas de proteção, e também de fomento a produção de alimentos, colocou a comunidade à deriva, expondo aos diversos tipo de violência e abusos e, acima de tudo, normalizando e responsabilizando-a pela sua própria sorte.

Mesmo diante disso, há resistência, e este é o objetivo deste texto, demonstrar em que medida os Guarani e Kaiowá resistem a este processo de violência e abuso cometido em todos os lados em relação a suas existências. A proposta é demonstrar esta resistência através da casa de reza, fundamentado em três ideias principais: o tempo-espaço original (*ára ypy*) Benites (2021); a mobilidade (*oguata*); e a construção/reconstrução do *tekoha* (território). Essas três ideias se unificam/encontram formando caminhos (*tape*) ligando o passado, presente e futuro em uma unidade que denominamos de *tekoha*, gerador/lugar da vida, comumente conhecido como território. Este *tekoha* tem um ponto inicial, *óga pysy* (a casa de reza), lugar vivo da cosmologia tradicional em forma de movimento onde se unem o mundo espiritual e humano.

Assim, queremos apontar que casa de reza é um dos espaços na aldeia onde se encontram todas as coisas/seres do mundo Guarani e Kaiowá e, este encontro produz a própria resistência, produzindo novas gerações que “estendem” (*oguerojepyso*) o *tekoha*, criando/atualizando o próprio tempo-espaço original, *ára ypy*. Este processo de “estender” a originalidade do tempo, pelas novas gerações, modela os corpos, cria o *teko porã* (jeito de

³ O governo Bolsonaro (2019-22) desmontou a política indigenista brasileira, impedindo a demarcação dos territórios tradicionais dos povos originários durante a sua gestão, além de incentivar a invasão das terras demarcadas pelos madeireiros e garimpeiros.

ser belo, pleno), tornando-se guardião do *tekoha* edificado. Assim, o transporte do *tekoha* original (tempo original, tempo da criação primordial), através da memória dos ancestrais, produz sujeitos carregados desse sentido assentado no lugar (tempo e lugar atual), curando a terra e todas as coisas, tudo começando pela casa de reza.

Nessa lógica, entendemos a casa de reza como a energia central para propulsão do *tekoha* maior, o ponto central, a partir de onde se edifica o sistema da vida de maneira ampliada. Por isso, da casa de reza se constitui o *tekoha* caracterizando-se a particularidade e a especificidade, modelando as pessoas, as matas, os animais e toda a vida existente no lugar. *Tekoha* é lugar da existência de todos seres (árvores, animais, vegetais, água, terra seres humanos e os guardiões, os seres não-visíveis), um espaço/lugar conectado perfeitamente para se constituir como gerador da vida carregada de sentido e de mensagens da própria origem da sua criação (*ára ypy*).

Para os Guarani e Kaiowá, a territorialização é o processo contínuo de *ombojegua yvy* – ornamentar, embelezar, encantar a terra – para que os guardiões possam estar conectados permanentemente, principalmente através dos rituais como *jerosy* (batismo do milho branco) e *kunumi pepy* (batismo da criança) realizado dentro da casa de reza. Assim, é um espaço-tempo do encontro, onde a memória possa se tornar viva para edificar através dela o *tekoha*, dando segurança às relações permanentes no processo do *oguata* (caminhada).

2. Óga pyses (casa de reza) o espaço/tempo do encontro.

A percepção da importância da casa de reza para mim, como pesquisador Guarani e Kaiowá, iniciou quando ocorreu a retomada do *tekoha Pindo Roky* na aldeia Te'yikue, município de Caarapó, em 2013, quando um jovem indígena foi assassinado pelo fazendeiro⁴

⁴ “Desde 2013 já se iniciavam as ocupações de novas áreas, vistas como retomada dos antigos *tekoha*, diante de uma série de eventos específicos, como ocorreu no Pindo Roky (primeira área de ocupação), quando Denilson Barbosa, um jovem Kaiowá, foi assassinado. Este ocorrido marcou muito os moradores da redondeza, porque foi uma ação muito covarde do fazendeiro em atirar a sangue frio com espingarda *winchesters*, quando o jovem estava pescando em um riacho perto da fazenda. A revolta contra este assassinato foi tão grande, que o enterro daquele menino foi feito dentro da fazenda, como protesto, a desconfiança e possível morosidade dos procedimentos judiciais (que não daria em nada) fez com que os parentes estendessem, por vários dias, a vigília fúnebre e, por fim, reivindicaram a área da fazenda como *Tekoha Pindo Roky*. Esta situação marca a

por adentrarem na sua “propriedade indevidamente”. Nesta ocasião um *ñanderu*⁵ um pouco mais jovem me disse que nas retomadas tem que ser construída uma casa de reza, perguntei a razão, e me explicou que a casa é necessária para demonstrar a nossa força aos brancos e fazendeiros que estão sempre na espreita para nos atacar. Tempos depois entendi essas mensagens, que a casa de reza marca o território e também o lugar onde emergem as forças para que a resistência seja mais permanente no processo da territorialização nas áreas de retomadas, mesmo diante dos ataques violentos dos ruralistas e das dificuldades permanentes para a recuperação plena da terra.

Além disso, a formação específica na Licenciatura Indígena Teko Arandu e Ára Vera⁶, me fez alinhar o entendimento de forma gradativa sobre os nossos saberes tradicionais, pela sua metodologia de ensino que permitiu a reconexão e a própria retomada, que em geral estão desconectadas entre si como forma de resistência. Assim, ouvindo o *ñanderu* na retomada do *Pindo Roky*, conectei a minha memória com uma conversa que tive com a minha avó (já falecida em 2006), sobre a história que me contou sobre um evento dentro da casa de reza no tempo da sua juventude.

Segundo a minha avó, na região onde hoje está o *tekoha Kurusu Amba* (na fronteira Brasil e Paraguai), ela ouviu a voz de dois meninos falando com o *ñanderu*, esta voz deu a entender que eles estavam em viagem através do céu; ela ouviu os cânticos na casa de reza, e repousou para repassar as vozes aos que estavam ali presentes. Estas passagens foram descritas detalhadamente na minha tese de doutorado (Benites, 2021, p. 250), como forma de garantir a perpetuação dessa memória que ela considera como um dos grandes eventos da vida no tempo quando viviam na região de fronteira. As vozes transmitiam grandes emoções e tranquilidade plena aos que estavam presentes, curando as doenças e também dando força para que o nosso modo de ser denominado de *teko* não possa parar.

comunidade como um novo tempo, o tempo das retomadas em Te'yikue, pautando, de forma homogênea, diferentes famílias e comunidades. (Benites, 2021, p. 70).

⁵ Este *ñanderu*, um dos líderes do grupo, não vou descrever o nome devido a segurança, tinha ajudados outras retomadas outros grupos e já tinha experiência nesse processo.

⁶ A Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu e Ára Vera, a primeira de nível graduação e segunda de ensino médio, são magistérios de formação especial pra os professores Guarani e Kaiowá fruto da luta dos movimentos dos professores indígenas desde a década de 1980 em consonância coma luta dos líderes pela demarcação dos territórios.

No relato de minha avó, ficou claro que a palavra/*ñe'ẽ*⁷ (sagrada) representada por pássaros repousou primeiramente na casa de reza; o efeito das palavras emitidas por este pássaro transformou as pessoas e, elas transformaram o lugar, porque edificou, no interior de cada uma, outros e novos objetivos da existência. Para que a comunicação houvesse, foi necessário a mediação do líder espiritual, o *ñanderu* e, os participantes ficaram em harmonia através dos cantos e dos movimentos corporais (danças) para o entendimento e a fluidez das vozes, edificando a harmonia plena, o *teko joja*. Por isso, através dos rituais e dos cantos, os anciões entendem que há uma comunicação entre os guardiões, como *guyra ñe'ẽngatu amba*⁸, e as pessoas presentes no ritual, que se tornam sementes multiplicadoras das mensagens/sentido adquiridas para a produção de outros *tekoha*/território.

As mensagens dos guardiões denominada pelo meu avô como *gwyra ñe'ẽngatu amba* remetem ao tempo originário conhecido como *ára ypy* pelos anciões. *Ára ypy* é um tempo matriz, sentido universal da criação, onde/quando as forças criaram sistemas favoráveis para gerar outros sistemas e seres que configuram o tempo (mundo) de hoje. Os antigos dizem que este *ára ypy* estava presente no mundo dos humanos, e em função da maldade humana que estava incipiente, foi necessário que se elevasse aos patamares superiores, tornando-se a morada dos guardiões por ser sagrado/perfeito. A ideia do *ára ypy* não é um tempo passado, como sugere o termo, mas o tempo matriz porque assegura o tempo de hoje para a existência dos seres, as forças originais, que os não-indígenas especialistas chamam de equilíbrio ecossistêmico, é a prova de que esses tempos ainda estão nos garantindo a vida.

O mundo cosmológico Guarani e Kaiowá não é um espaço-tempo estático, mas dinâmico, cheio de caminhos e conexões, semelhantes às correntes marítimas ou sistemas climáticos da terra. Existem múltiplos e ramificados caminhos que interligam o *tekoha* (aldeia, mundo terreno) e o *ára ypy*, por onde os guardiões caminham sistematicamente produzindo sistemas climáticos complexos para a produção das diversidades dos seres no mundo humanos. Estes caminhos são denominados de *tape rendy* (caminhos iluminados). Conversando com a *ñandesy* Ana Amélia da aldeia Panambizinho, esta me explicou que

⁷ Na visão dos Guarani e Kaiowá o *ñe'ẽ* pode ser também denominado de *ayvu* (som primordial) e, a sua representação é o pássaro papagaio.

⁸ “O domínio do pássaro da boa palavra” (Benites, 2021, p. 269).

estes caminhos ficam mais ou menos na altura de um metro acima da terra e podemos viajar neles se alcançarmos a plenitude do ser ou *teko Araguyje*⁹ (jeito sagrado de ser).

Analisando a ideia do *tape rendy*, podemos apontar que esta estrutura se estabelece entre o mundo humano e dos não humanos, a terra dos guardiões e, por ela, ocorre a dinâmica, a mobilidade, o trânsito de todas as coisas/seres que enriquece o *tekoha*. Este é a ideia do *oguata*, outro conceito fundamental para visualizar a importância da casa de reza. *Oguata* é o ato de se mover, de transitar, quando um corpo adquire potência para a locomoção e absorver as forças/sentido dos lugares percorridos acoplando em si diferentes energias e sentido para se tornar o *aguyje* (perfeição, plenitude). Objetivo do *oguata* é o autoaperfeiçoamento, aproximando-se do modo de ser das divindades, porque assim, os primeiros guardiões fizeram para tornar-se divindades e, se elevaram aos patamares superiores.

Estes fundamentos mostram como os Guarani e Kaiowá no tempo de hoje produzem a sua territorialidade através do *oguata*, edificando a história de resistências, a forma de religiosidades, as crenças e todo processo produtivo que os caracterizam como um povo ligado à sua espiritualidade. A sociabilidade, as relações com o entorno, incluindo os vegetais, animais e até os não-indígenas, é baseada na ideia de absorver as potências da alteridade do outro para compor a sua caminhada e vislumbrar a amplitude da nova caminhada, edificando sempre o novo *tape* (caminho). Mas, com a chegada dos colonizadores, estas formas de caminhada foram interrompidas (pelo menos aparentemente), porque o grande território foi esquadrihado e esbulhado pelos ocupantes não-indígenas, tornando fazendas e grades propriedades privadas. De certa forma, mesmo residindo em reservas e periferias das cidades, podemos sentir a resistências, mesmo passando por todas as violências impostas pelos não-indígenas, principalmente na casa de reza.

Ara ypy, *oguata* e *tekoha* se encontram na casa de reza, primeiro porque durante os rituais, através da emissão das palavras originais com os cantos e rezas, entra-se em conexão com os diversos tempos de cada participante, depois tudo vai se unificando, chegando ao nível onde o coletivo entra em transe, sentindo os sabores dos tempos originais. Assim, no segundo momento os tempos dos ancestrais são acessados de maneira coletiva e, são revividos, criando uma nova forma de relações sociais baseadas no sagrado. Por isso, no terceiro momento, os valores revividos se tonam a base das relações das pessoas entre si e,

⁹ Cf. Benites, 2021, p. 105.

posteriormente carregam consigo, para as novas relações em outros ambientes além de cada de reza. Aos poucos os participantes dos rituais enxergam no *óga pysy* um espaço de encontro das memórias onde todos os seres se conectam para reviver sistematicamente o tempo dos ancestrais e criar sempre a unidade coletiva, o *teko joja* (modo de ser harmônico e coletivo).

Os rituais mais comuns são o batismo da criança (*mitã karai*), curas das pessoas (*jehecha*), festa do batismo do milho (*jerosy*), ritual de perfuração dos lábios dos meninos (*kunumi pepy*), entre muitos outros. Além disso, os mais velhos contam histórias antigas sobre as origens do mundo, dos antepassados, das aldeias e história sobre os guardiões que povoam o multiverso Guarani e Kaiowá. Essas divindades são: os guardiões da água (*yryvera*), da terra (*ita jára*), das florestas (*ka'aguy jára*), das plantas medicinais (*pohã jára*), das roças (*jakaira*), das caças (*so'ó jára*) e muitos outros. Muitas histórias e saberes são contadas através dos cantos, a história sobre os patamares e os guardiões estão nas letras e na entonação do *jerosy*, porque as palavras e as estrofes são territórios linguísticos em gradação.

Olhando para o interior e a estrutura da casa podemos perceber a inexistência das repartições, cômodos ou divisões, ela é um espaço grande onde as pessoas possam se relacionar coletivamente no processo ritualístico, como foi descrito acima. A cobertura é feita de capim original do bioma do *tekoha* o nome deste capim é *jahape* (sapé), são dois tipos: *jahape'i* (sapé pequeno) e *jahape guasu* (sapé grande; ambos costumam estar perto nas áreas alagadas) e deve cobrir desde o chão até o teto da casa. As portas devem ser três, duas laterais e uma como principal, estabelecendo no meio da casa na posição lateral, sempre na direção do sol nascente para que as luzes possam adentrar pela porta em todas as manhãs. Os mais velhos dizem que através dos primeiros raios do sol chegam os guardiões, visitando a casa e abençoando-a (*jehovasa*).

Os materiais que serão usados para a construção devem respeitar as regras originais para que os guardiões possam adentrar, por exemplo, o corte de sapé e madeira deve respeitar as fases da lua e estações do ano. Na atualidade podemos usar madeira de eucalipto devido pela falta de madeira originais como *yvyra katu* (madeira sagrada) como esteio, desde que seja abençoado pelos anciões. O madeiramento deve ser feito de *taquarusu*, porque ele pode ser maleável para que no teto da casa possa ser amarrado e estabelecer semelhante ao arco. Uma das regras importantes é o papel dos jovens na construção, eles podem até ajudar, mas não devem cobrir, principalmente no início: quando começa pelo chão, dizem que quando o

sapé apodrece ele pode vir a falecer, por isso, devem apenas ajudar, dentro das regras e orientações do construtor mestre. As mulheres devem estar distantes da casa, quando estiver na fase da menstruação para que as madeira e sapé não fique carunchado. Estas são algumas regras.

No centro da casa na direção da porta principal deve ficar o altar que chamamos de *yvyra'i* (pequena madeira colorida) ou *yvyra para* (madeira colorida de preto), onde podem estar escorado os *chiru* (cruz ou bastão de madeira), as *takuapu* (instrumento musical feito de taquara), o pequeno *vatéa* (pequeno cocho), como também pendurado os *mbaraka* (chocalho de cabaça, instrumento musical do rezador) e *mimby* (instrumento musical de sopro). Este altar é o centro máximo do espaço sagrado porque os guardiões ficam nele empoleirados semelhantes aos pássaros, como contou a minha avó anteriormente. Neste pequeno cocho é obrigatório colocar bebida tradicional chamada *chicha* (bebida feita de milho branco) ou *yete* (chá frio feita de casca ou folha de cedro) para molhar e afinar a garganta, para que a entonação das vozes seja harmônica e grave para cantar os *porahéi* (cantos originais).

*

Construir a casa de reza na Faculdade Intercultural Indígena/FAIND/UFCD tem um sentido de “resistência” (“Resiste FAIND”, o lema dos movimentos dos acadêmicos), principalmente para as novas gerações que frequentam a faculdade nos cursos de Licenciatura Intercultural Indígena, Licenciatura do Campo e Programa de Pós Graduação. Porque a resistência – no tempo em que os fascistas estão crescendo matando e assassinando os povos indígenas que defendem os seus territórios tradicionais – é buscar as forças dos ancestrais para viver o cotidiano na base dos cantos/reza para curar a terra e as mentes dos destruidores/decompositores dos mundos.

Precisamos através da FAIND, através das pessoas da FAIND, buscar as forças dos ancestrais para construir novos caminhos epistemológicos/metodológicos com base dos diálogos produzindo humanos (*ava kuéra*) para a reconstrução permanente dos *tekoha* (território) tradicionais nas comunidades onde se vive. Casa de reza na FAIND será o primeiro passo das grandes mudanças para a reconstrução permanente dos territórios como resistência diante das ondas fascistas que estão se levantando no Brasil e no mundo.

O *tekoha* de hoje é a representação do tempo das origens, e por isso, carregado de memórias. Muitas memórias estão guardadas nos mais velhos (*ñanderu* e *ñandesy*). Aqueles que guardam a memória e buscam reproduzir o *tekoha* de hoje com essa carga são chamados de *jekoha* (sustentador e mensageiro do tempo), mensageiros do *tekoha*. O *jekoha* é articulador das coisas/seres para constituir o *tekoha* do *ymãguare* (tempo antigo) nos tempos de hoje. Por isso, para construir o *tekoha* de hoje é necessário tornar-se *jekoha* para que o lugar da nossa existência seja harmônico suficiente para gerar a vida na totalidade como no ventre da mãe (Mãe Terra).



Legenda: Construção da ogá pysy ou casa de reza na FAIND (Dourados). Foto do Autor.

Referências



BENITES, Eliel. *A Busca do Teko Araguyje (jeito sagrado de ser) nas retomadas territoriais Guarani e Kaiowá*. Tese de Doutorado apresentada ao PPG em Geografia da UFGD. Dourados: UFGD, 2021.

CHAMORRO, Graciela (org.) *Dicionário Kaiowá-Português*. 2a. Ed. Belo Horizonte: Javali, 2023.

Submetido em: 29/07/2024

Publicado em: 30/08/2024